

O MARACATU RURAL ESTRELA DE OURO E SUAS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS NO CONTEXTO FOLKCOMUNICACIONAL

Fernanda Gabriela Gadêlha

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (PPGC).
Pesquisadora da rede Folkcom e graduada em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pela já referida universidade.
E-mail: gaby.agdelhar@gmail.com

Oswaldo Meira Trigueiro

Professor associado e pesquisador do Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (CCTA/UFPB), vinculado ao PPGC-UFPB

Resumo: O universo do Maracatu Rural é marcado por atividades de dança, música e canto de origens profanas e afro-religiosas, suas práticas são portadoras de símbolos cujo significado remete aos seus brincantes. O objetivo deste artigo é analisar como as representações simbólicas presente no Maracatu Estrela de Ouro de Aliança- PE, se caracteriza como processo de folkcomunicação conforme Beltrão (1980) aponta em seus estudos acerca dos processos de comunicação protagonizados por grupos de cultura popular.

Palavras-chave: maracatu rural, representações simbólicas, folkcomunicação.

GT05 – FOLKCOMUNICAÇÃO

Introdução

Goiana Zona da Mata Pernambucana, lugar onde começou a colonização do Brasil, e lugar de origem do Maracatu Rural pernambucano. Em tempo de carnaval era passagem obrigatória destas manifestações folclóricas na Rua Direita, principal rua da cidade de Goiana, onde os Maracatus também faziam as suas apresentações. Então lhe convido a entrar comigo nesta manifestação cheia de representações e simbolismo.

A expressão Zona da Mata teve origem na Mata Atlântica que originalmente cobria a área, e que aos poucos foi sendo devastada, principalmente pela ocupação dos engenhos de açúcar, principal bem econômico produzido no Brasil até meados do século XIX. Ainda hoje, apesar das transformações, sobrevivem pela monocultura canavieira, sendo a produção açucareira a principal atividade econômica de Pernambuco.

Refletindo toda a riqueza e toda miséria dessa realidade, as expressões de cultura popular típicas da região “mostram com criatividade e beleza a percepção de mundo dos que a produzem, suas concepções e recriações de si mesmos e da estrutura social injusta na qual estão inseridos” (ANDRADE, 1981, p. 44). São típicos da Zona da Mata de

Pernambuco, entre outras brincadeiras, o maracatu rural, a ciranda, o coco, o cavalo-marinho, e o pastoril.

Estas representações ou manifestações folclóricas possuem um calendário que obedece principalmente às festas religiosas Católicas, tais como: o Natal, Carnaval, São João e outros dias santos e ao cultivo da cana de açúcar: o plantio, a colheita, e a entressafra. Durante muito tempo, estas brincadeiras foram a principal opção de lazer do trabalhador rural da Zona da Mata. Como diz Cardoso, “o tempo de lazer é chamado de tempo livre justamente porque nessas horas – apesar das limitações impostas pela pobreza – o trabalhador escolhe” (CANTOR apud MAGNANI, 1998, p. 15) – e assim sendo, o lazer é uma instância tão ou mais importante que o trabalho dentro do cotidiano das pessoas.

Fruto do sincretismo entre as culturas africana e indígena, o Maracatu Rural é originário das senzalas dos engenhos de cana-de-açúcar, é brincadeira de mato, da roça, coisa que se vive há muito tempo, o divertimento que se tinha na época. Para a maioria dos brincantes o maracatu é de herança familiar, tradição de engenho, cultura e representações simbólicas.

O caboclo de lança é considerado a figura mais vistosa do maracatu rural, vem sendo reproduzido como ícone da alma pernambucana; adquire foros de valores como: beleza, coragem, valentia, tradição, realeza. Sendo utilizado como ícone de campanhas políticas no Estado de Pernambuco.

Convido você a entrar comigo na beleza das cores, na brincadeira, nas danças e nas músicas deste Maracatu Rural Estrela de Ouro e se apaixonar neste mar de simbolismo, vivo em nossa cultura Brasileira.

O maracatu rural

De acordo com Silva, o maracatu rural é uma brincadeira de origem indígena, formada no início do século XX, nos canaviais da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Seus principais componentes são chamados *caboclos*, o mesmo termo utilizado para designar os descendentes dos índios na região Nordeste. Segundo o autor, o folguedo foi se formando aos poucos, tomando emprestado “um pouco de cada brinquedo que o povo conhecia: um cadinho de Reisado, um tanto de Cavalo Marinho, um outro tanto de Bumba-me-Boi e outro de Caboclinho” (SILVA, 2005, p. 22).

Ao chegar ao Recife, por volta da década de 30 o folguedo teria assumido também o nome e a influência do maracatu, manifestação popular típica da capital pernambucana. Para se diferenciar do maracatu da capital, o da zona rural foi intitulado de baque solto, posto que o recifense é de baque virado. Ficou conhecido também como Maracatu Moderno, uma vez que os registros históricos do maracatu de Recife têm mais de duzentos anos; e também foi nomeado rural, para marcar sua procedência diversa da do maracatu da capital.

O termo maracatu é controverso e de etimologia imprecisa. Vieira (1999) aponta três possíveis explicações para ele: seria sinônimo de procissão; viria de *muracatucá* ou *maracatucá*, expressão de origem africana cujo significado seria ‘vamos debandar’; ou seria resultante da junção de duas palavras indígenas, *maracá* e *catu*, significando dança bonita. Por sua vez, Melo relata uma interpretação segundo a qual “*marã* indica guerra, revolução, *Maracatu* por assimilação significando briga bonita” (MELO, 1997, p. 29).

O maracatu *de baque virado*, ou *nação*, que é originário do Recife, surgiu a partir de um costume que existiu em nível nacional, chamado *Instituição do Rei do Congo* – forma encontrada pelos colonizadores portugueses de melhor exercerem seu poder hegemônico junto aos negros. Na celebração, toda a escravaria, inclusive os libertos, reunia-se para homenagear os reis negros, “Os reis e rainhas escolhidos passavam a governar ‘nações’ de negros, com o apoio da Igreja Católica, do governo e dos senhores brancos, que em determinados dias assistiam às festas de coroação nos adros das igrejas; destas *nações*, a dos Congos era a que mais se destacava dentro das irmandades religiosas negras” (NASCIMENTO, 2000, p. 93).

O primeiro registro sobre o maracatu rural ocorreu em 1934, e foi feito por Gilberto Freyre, em seu *Guia Prático e Sentimental da Cidade do Recife*. A antropóloga Katarina Real, relembram o início da década de 30 como efetivamente sendo a época em que viram, pela primeira vez, “os espetaculares ‘caboclos-de-lança’ brincando pelas ruas do Recife, geralmente em grupos de dois” (REAL, 1967, p. 83-95).

No período, além da crise econômica que precedeu a Segunda Guerra Mundial e atingiu o Brasil como um todo, a Zona da Mata Pernambucana enfrentava a decadência, os trabalhadores rurais migraram em massa para a capital, trazendo consigo suas tradições. Guerra-Peixe (1980, p. 91) acredita, inclusive, a origem do maracatu rural ao confronto cultural gerado por esse movimento migratório: “os populares do interior juntaram-se aos recifenses, resultando, daí, os agrupamentos hoje conhecidos popularmente por *Maracatu-de-Orquestra*”.

O autor finaliza descrevendo folgado como “a mistura ou fusão de elementos tomados dos antigos Maracatus do Recife, com os originados de localidades diversas do Estado de Pernambuco” (Ibid, p. 98).

O Estrela de Ouro no contexto folkcomunicacional

A vida cotidiana e as representações culturais são elementos pesquisados na área da comunicação social, visto que as camadas populares também possuem seus próprios meios de comunicação. Desta forma, a sociedade contemporânea faz uso das múltiplas formas de comunicação e das culturas oferecidas pelas redes.

A esta íntima relação entre a cultura e a comunicação popular, denominou-se o que chamamos de folkcomunicação. Podemos dizer que a folkcomunicação é a comunicação produzida pelo povo através de meios artesanais. “As classes populares têm assim meios próprios de expressão e somente através deles é que se podem entender e fazer-se entender”. (BELTRÃO, 1980, p.47)

Beltrão (1971) reforça o pensamento de que a comunicação não é só identificada nos grandes meios comunicacionais, mas também dentro da própria sociedade, sendo realizada por pessoas simples que utilizam linguagem própria para comunicar e disseminar suas ideias, a essas pessoas ele chamou de agentes folkcomunicacionais. Esses agentes utilizam-se de meios como as manifestações populares, religiosas e do artesanato para comunicar suas opiniões e pensamentos.

A folkcomunicação é por sua essência um processo artesanal de comunicação, aonde as relações comunicacionais vão está sendo mediadas por um agente, conhecido como

comunicador folkcomunicacional¹, onde este vai traduzir e transmitir as mensagens para o seu público. É válido ressaltar que as manifestações folkcomunicacionais ganham intensidade em todas as regiões do Brasil, com grande influência da cultura portuguesa.

Beltrão (1980) diz que os grupos usuários de folk são caracterizados pelo baixo poder aquisitivo, pois esses grupos são formados por indivíduos que recebem baixos salários em empregos ou subempregos. E mesmo a criadora sendo de origem humilde ela tinha grande prestígio dentro da comunidade podendo ser caracterizada assim como uma agente folkcomunicacional. Beltrão (1980) nos ajuda a entender esse conceito, dizendo que:

O comunicador de folk tem a personalidade característica dos líderes de opinião identificada (e nele, talvez, ainda mais aguçada) do que nos seus colegas do sistema de comunicação social. O lídercomunicador de folk é um tradutor que não somente sabem encontrar palavras como argumentos que sensibilizam as formas pré-lógicas que, caracterizam o pensamento e ditam a c conduta desses grupos. (p.35-38)

No Maracatu Estrela de Ouro de Aliança podemos caracterizar como estes agentes comunicadores, o Mestre Duda. Também conhecido como Zé Duda tem 72 anos, 62 dos quais comandando um Maracatu no Carnaval. Sua vida é dedicada à cultura popular, é Mestre de Maracatu Rural, Ciranda, Cavalo Marinho e Coco de Roda. É considerado o mais importante Mestre de Maracatu Rural de Pernambuco.

Em 2010, O Maracatu Estrela de Ouro de Aliança recebeu a Ordem do Mérito Cultural, e, em 2011, tornou-se Patrimônio Vivo de Pernambuco. No ano de 2008, o Maracatu Estrela de Ouro ganhou vários prêmios Nacionais, e entre os mais importantes estão: Prêmio Culturas Populares Humberto Maracanã, concedido pelo Ministério da Cultura aos grupos mais importantes para a cultura popular; Prêmio Ponto de Leitura da Biblioteca Nacional, para os Pontos de Cultura que trabalham com a educação da comunidade; Prêmio Interações Estéticas, concedido pela Funarte pelo trabalho que o Maracatu Estrela de Ouro fez com Jorge Mautner, o CD “Maracatu Atômico Kaosnavial”.

Outro importante Líder Folk, é o Mestre Luiz Caboclo, como 55 anos, foi Mestre caboclo de vários maracatus, mas finalmente estabeleceu-se no Estrela de Ouro onde tem criado e inovado nas suas funções e coreografias mais modernas para as apresentações do, até agora, único Maracatu rural que se apresentou na Europa. O mestre também é diretor do Ponto de Cultura Estrela de ouro, que tem sua instalação no o sítio Chã de Camará.

Partindo deste pressuposto podemos claramente visualizar através deste olhar folkcomunicacional, os agentes comunicadores, os líderes folkcomunicacionais, e mais na frente os ativistas midiáticos, presentes no Maracatu Estrela de Ouro de Aliança- PE.

¹ Comunicador de folk, Agente folkcomunicacional e Folk-comunicadores, segundo as teorias de Beltrão.



Figura 01: O Mestre Duda

Fonte: Fundarpe



Figura 02: Mestre Luiz Caboclo

Fonte: Fundarpe

O Maracatu Estrela de Ouro e suas representações simbólicas

O Maracatu Estrela de Ouro foi fundado por Mestre Batista (Severino Lourenço da Silva) no dia primeiro de janeiro de 1966 no sítio Chã de Camará na Zona Rural da cidade de Aliança Pernambuco. Desde 1966 vem crescendo e se tornando um dos grandes maracatus do Estado de Pernambuco, sendo, por diversas vezes campeão nos desfiles promovidos pela Prefeitura do Recife durante o seu glorioso carnaval.

Atualmente o Maracatu Estrela de Ouro tem mais de quarenta Caboclos de Lança, chefiados pelo Mestre Luiz; uma orquestra dirigida pelo Mestre Zé Duda e já ganhou o mundo sendo o único maracatu rural a chegar à Europa.

Considerados como símbolo do carnaval de Pernambuco o Caboclo são guerreiros ricamente vestidos com golas bordadas, chapéus e lanças enfeitadas, cruzando longas distâncias no interior do Nordeste. As golas, ricamente enfeitadas de lantejoulas coloridas, na maioria das vezes são feitas pelos próprios caboclos e brincantes do Maracatu. Por

debaixo da fantasia, rostos queimados do sol dos canaviais. Não se trata do cenário de um campo de batalha, mas de uma manifestação característica da zona da mata.

A 65 km do Recife fica a capital do maracatu: Nazaré da Mata. O município pernambucano sedia, na segunda e terça-feira de Carnaval, o maior encontro de maracatu do estado. Só da cidade, são mais de 22 grupos que reúnem pessoas de todas as idades, em sua maioria trabalhadores rurais e cortadores de cana. Entre os grupos, está o Estrela de Ouro que integra o grupo especial do Carnaval do Recife.

Toda a indumentária tem um significado ligado ao caráter fortemente religioso do Maracatu Rural, de homenagem aos orixás. O cortejo é cercado de simbologias, e muitos caboclos desfilam sob efeito de uma bebida à base de limão, aguardente, azeite e pólvora. Por isso, a manifestação sofreu preconceitos ao chegar ao contexto urbano. Muitos grupos foram incentivados a se tornarem de Baque Virado. Além disso, até certo tempo havia também receio de que o festejo terminasse em violência. Hoje é manifestação do Carnaval, é só fantasia, alegria e beleza.

A simbologia do guerreiro está presente além da estética. O vocabulário utilizado para definir situações e momentos da evolução também transmite essa idéia. Durante as apresentações, os caboclos de lança abrem espaço para o maracatu evoluir. Posicionando-se e dois cordões que ladeiam todo o maracatu, separam o espaço sagrado do profano. Estes cordões são chamados de trincheira e cada um dos caboclos que fica na posição de “puxar” o cordão, chama-se boca de trincheira. É bastante significativo que guerreiros prontos para o combate de lança em punho, estejam na trincheira (ASSIS, 1997, p. 29).

Na atualidade, a indumentária do caboclo de lança é algo a ser destacado e admirado. Tem uma profusão de cores com predominância do vermelho e amarelo, pesando cerca de 30 a 40 Kg, incluindo a vasta cabeleira, a lança e os chocalhos. Ela se compõe de:

- Ceroulão - calça de chitão com elástico nas pernas;
- Fofa - calça frouxa com franja que fica em cima do ceroulão;
- Meião - meia comprida, preso à perna com liga de elástico;
- Camisa de mangas compridas de cores vivas;
- Surrão- uma armação de madeira coberta de lã de cor viva, amarrada nas costas que ergue os ombros e possui uma bolsa confeccionada de pelúcia sintética, onde são presos cerca de cinco chocalhos;
- Chocalhos - provocam um barulho agressivo que vibram num compasso forte quando os caboclos se movimentam, os chocalhos ficam presos no surrão;
- Gola - colocada em cima do surrão, parece uma grande túnica que vai até a altura dos joelhos. A gola tem grande destaque e representa o maior orgulho e vaidade do caboclo de lança. É confeccionada pelos próprios caboclos, forrado com popeline e bordada com miçangas, vidrilhos, lantejoulas e canutilhos de diversas cores que formam o desenho da Estrela o símbolo do Estrela de Ouro;
- Lenço - colorido amarrado na cabeleira;

- Cabeleira - é enorme, formada por tiras bem finas de papel celofane ou laminado bem coloridas;

-Os caboclos de lança pintam o rosto com uma tinta preta ou vermelha, para se proteger do mal, usam um galho de arruda atrás da orelha e um cravo branco ou uma rosa na boca. Isso busca manter o corpo fechado contra as adversidades, porque foi calçado pela força da Jurema. Usam sapatos tênis para se movimentar melhor, realizar longas caminhadas enfrentando o sol fervente, segurando um peso que pode chegar até 30 a 40 Kg.



Figura 03: Apresentação do Estrela de ouro

Fonte: Fundarpe

O cortejo do Maracatu Estrela de Ouro

A Dama do Paço é muitas vezes uma mulher “pura” é responsável pelos cuidados da Calunga e só ela tem acesso a boneca, até os períodos de apresentação. Também conhecida como Dama de Boneca ela é responsável por carregar a defesa do Maracatu, por livrá-lo das malquerenças e maus olhos. Suas roupas e chapéus, assim como a das baianas que acompanham o coro das loas são vestidos longos armados com arames e colorido, geralmente trazem as cores das entidades espirituais que regula cada uma delas e representa o equilíbrio mítico-espiritual do folguedo. Ainda existem as Damas de Buquê que carregam buquês de flores para abrihantar o cortejo.

Mário de Andrade, em artigo publicado durante o 1º Congresso Afro-Brasileiro realizado em 1934 no Recife, revela que o termo Calunga tem múltiplas origens e sentidos, muitos de caráter profano.

A meu ver a Calunga é tudo isso e mais alguma coisa... Ídolo, feitiço, e apenas objeto de excitação mística, e ainda símbolo político-religioso de reis-deuses: como a sua nomenclatura, o seu conceito não está nem talvez

nunca esteve perfeitamente delimitado dentro da mentalidade negra.
(ANDRADE, 1930, p. 46)

O maracatu rural tem como personagens o rei, a rainha, a porta bandeira também chamada de baliza, a dama do passo, o Mateus, a Catirina, trazidos do cavalo-Marinho, a burra e o caçador, as portas-buquê, as baianas, a boneca Aurora, os caboclos de pena, carregam na cabeça penas de pavão, como no maracatu nação também há o vassalo ou "menino da sombrinha" e por fim o personagem principal: o caboclo de lança. O caboclo de lança é o guerreiro de Ogum, dá vida e alma ao folguedo.

O Estrela de Ouro é formada em sua maioria por trabalhadores rurais (cortadores de cana) que durante a brincadeira trocam suas enxadas e foices por suas lanças. Alguns brincantes relatam que algumas batalhas entre as agremiações ocorriam de verdade e quando não matava feria gravemente o guerreiro. As música retratavam estas brigas. Felizmente hoje a batalha é fictícia, retrata simbolicamente a vida ou a morte.

Antigamente não existia o cortejo real, mas para se adequarem a Federação Carnavalesca do Recife, tiveram que colocar Reis e Raias no seu cortejo. Quem comanda a brincadeira é o apito do mestre Duda que orienta a movimentação do maracatu, sendo ele o responsável pela cantoria das toadas. Quatro personagens abrem a brincadeira: Mateus, Catirina, a burra e o caçador. A dança é realizada em dois círculos (um dentro do outro). Os caboclos de lança correm pelo círculo de fora encenando a batalha e golpeando suas lanças firmes com as duas mãos. Enquanto isso no círculo interior dançam as damas de buquê e baianas, os caboclos de pena, a boneca e o estandarte, que as vezes também fica a frente do Maracatu, vai depender da coreografia do ano.

Em relação aos instrumentos, o maracatu rural é diferente do maracatu nação. O instrumental, chamado de terno, é composto por tarol, surdo, ganzá, chocalhos, porca (cuíca), zabumba, gonguê e a orquestra em si com clarinete, saxofone, trombone e corneta (pistom).

O ritmo rápido de chocalhos, a percussão estrondeante e acelerada do surdo, do ronco da cuíca, da batida cadenciada do gonguê, do barulho característico dos ganzás, o solo de trombone, e outros instrumentos de sopro, juntos, dão ao conjunto as características musicais próprias e bem diferenciadas com ritmos acelerados.

Considerações finais

O símbolo é uma re-apresentação de significado que sempre faz aparecer um sentido secreto, que depende da interpretação de quem convive com ele. A ligação entre os sentidos (símbolos) constituem a imaginação, o processo de construção do imaginário individual ou coletivo é modalidade que os indivíduos utilizam para dar sentido à sua interação com o mundo e a natureza.

No Maracatu rural, é vivenciada uma experiência religiosa que aglutina os sentidos sagrados da cultura afro-brasileira e indígena que se manifestam por meio de elementos de ordem simbólica. A ordem dos objetos simbólicos consiste na capacidade humana de dar às coisas um sentido, a capacidade de atribuir significações e valores às coisas. E as cores utilizadas no Maracatu estão cobertas destes simbolismos, onde cada peça representa um

universo de representações. E cada participante representa um povo que foi excluído, o povo que vive as margens, e que em tempos de carnaval, se transformam em atores principais deste espetáculo que é o Maracatu Rural.

Podemos inferir que esta manifestação se encaixa no que Beltrão (1980) chamou de Folkcomunicação a partir da análise de seus atores sociais, pois eles são protagonistas de um sistema artesanal de comunicação, onde difundem suas ideias e valores através das linguagens inerentes ao folclore e à cultura popular.

Referências

ANDRADE, Bonifácio (coord). **Migrações sazonais no Nordeste**: relatório de pesquisas. Recife: Sudene, 1981.

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. 2. Ed., Belo Horizonte: INL, 1982.

ASSIS, Maria Elizabete Arruda de. Cruzeiro do Forte: **A Brincadeira e o jogo de identidade em um Maracatu Rural**. Recife, 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco.

GUERRA-PEIXE. **Maracatus do Recife**. São Paulo: Irmãos Vitale, 1980.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec, 1998.

MELO, Daniel Luis Diogo de. **O maracatu rural como forma de contestação**. Recife, 1997. Monografia (Curso de Sociologia Rural) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, p.29.

NASCIMENTO, Mariana Cunha Mesquita do. **João, Manoel, Maciel Salustiano**: três gerações de artistas populares e sua comunicação com o massivo na perspectiva da reconversão cultural. Recife, 2000. Dissertação (Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural) – Universidade Federal Rural de Pernambuco.

RABELLO, Evandro. **Ciranda**: Dança de Roda, Dança da Moda. Recife: Editora Universitária, UFPE, 1979.

REAL, Katarina. **O Folclore no Carnaval do Recife**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro/ Ministério da Educação e Cultura, 1967. cap.8, p. 83-95: Os Maracatus Rurais (maracatus de orquestra).

SILVA, Severino Vicente da. **Festa de Caboclo**. Recife: Associação Reviva, 2005.

VICENTE, Ana Valéria. **Maracatu rural**: o espetáculo como espaço social. Recife: Associação Reviva, 2006.

VIEIRA, Sévia Sumaia. **Dinâmica de transmissão e reprodução em um folguedo popular**: o caso do maracatu rural Cambinda Brasileira. Recife, 1999. Monografia (Curso de Ciências Sociais) – Universidade Federal de Pernambuco. 85p.

Fotos: http://www.mda.gov.br/feirars/destaques/photo?photo_id=4191525